

Bibliografia do Autor

Obra literária de Manuel Tiago
(Álvaro Cunhal)

ATÉ AMANHÃ, CAMARADAS
1ª edição: Edições Avante, 1974

CINCO DIAS, CINCO NOITES
1ª edição: Edições Avante, 1975

A ESTRELA DE SEIS PONTAS
1ª edição: Edições Avante, 1994

A CASA DE EULÁLIA
1ª edição: Edições Avante, 1997

Obra gráfica

DESENHOS DA PRISÃO (2 vol.)
1ª edição: Edições Avante, 1975

Obra ensaística

*CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA
QUESTÃO AGRÁRIA (2 vol.)*
1ª edição: 1966
Edições Avante, 1976

*AS LUTAS DE CLASSES EM PORTUGAL
NOS FINS DA IDADE MÉDIA*
1ª edição: Editorial Estampa, 1975

A ARTE, O ARTISTA E A SOCIEDADE
1ª edição: Editorial Caminho, 1996

O ABORTO: CAUSAS E SOLUÇÕES
1ª edição: Campo das Letras, 1997

Ensaio e outra obra política

*UNIDADE DA NAÇÃO PORTUGUESA NA
LUTA PELO PÃO, PELA LIBERDADE E
PELA INDEPENDÊNCIA*
(sob pseudónimo de Duarte)
1ª edição: Edições Avante, 1943

*O CAMINHO PARA O DERRUBAMENTO
DO FASCISMO*
(sob pseudónimo de Duarte)
1ª edição: Edições Avante, 1946

INFORME SOBRE ORGANIZAÇÃO
(sob pseudónimo de Duarte)
1ª edição: Edições Avante, 1946

RUMO À VITÓRIA
1ª edição: Edições Avante, 1964

*RELATÓRIO DA ACTIVIDADE DO
COMITÉ CENTRAL DO P.C.P.*
1ª edição: Edições Avante, 1965

*A QUESTÃO DO ESTADO, QUESTÃO
CENTRAL DE CADA REVOLUÇÃO*
1ª edição: Edições Avante, 1967

*ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE 50 ANOS
DE LUTA DO P.C.P.*
1ª edição: Edições Avante, 1971

*O RADICALISMO PEQUENO-BURGUÊS
DE FACHADA SOCIALISTA*
1ª edição: Edições Avante, 1971

*A SITUAÇÃO POLÍTICA E AS TAREFAS
DO PARTIDO NO MOMENTO ACTUAL*
1ª edição: Edições Avante, 1974

DISCURSOS POLÍTICOS (23 vol.)
Edições Avante, 1974-1988

*A SUPERIORIDADE MORAL DOS COMU-
NISTAS*
Edições Avante, 1974

*O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO,
UMA POLÍTICA E UMA CONCEPÇÃO DO
MUNDO*
1ª edição: Edições Avante, 1975

*A FORÇA INVENCÍVEL DO MOVIMENTO
COMUNISTA*
Edições Avante, 1975

*A REVOLUÇÃO PORTUGUESA: O PASSA-
DO E O FUTURO*
1ª edição: Edições Avante, 1976

*AVANTE COM ABRIL: RELATÓRIO DA
ACTIVIDADE DO COMITÉ CENTRAL AO
IX CONGRESSO DO P.C.P.*
1ª edição: Edições Avante, 1979

O PARTIDO COM PAREDES DE VIDRO
1ª edição: Edições Avante, 1985

*O PARTIDO COMUNISTA: DA
"REORGANIZAÇÃO" DOS ANOS 40 AO 25
DE ABRIL*
Intervenção proferida em 1992

O COMUNISMO HOJE E AMANHÃ
Intervenção proferida em 1993

*ACÇÃO REVOLUCIONÁRIA,
CAPITULAÇÃO E AVENTURA*
1ª edição: Edições Avante, 1994

*CGTP-IN: 25 ANOS COM OS
TRABALHADORES*
Intervenção apresentada em 1995

*DUAS INTERVENÇÕES NUMA REUNIÃO
DE QUADROS*
1ª edição: Edições Avante, 1996

*AS VERTENTES FUNDAMENTAIS DA
DEMOCRACIA*
Intervenção apresentada em 1996

Álvaro Cunhal é ainda co-autor de outras obras políticas. Parte da sua obra encontra-se publicada em francês, alemão, russo, búlgaro, checo, húngaro, turco, grego e espanhol. Colaborou em diversos jornais e revistas como *O Diabo*, *Sol Nascente*, *Seara Nova*, *Vértice*, *Avante!* e *O Militante*.

CONVERSAS COM A Escrita

Biblioteca Municipal do Seixal

AUDITÓRIO DO
Fórum Cultural do Seixal

8 de Novembro 1997

Câmara Municipal do Seixal - Editorial Caminho - Edições Avante

Álvaro Cunhal

A ficção, a realidade e a experiência



Álvaro Cunhal

A arte, o artista e a sociedade

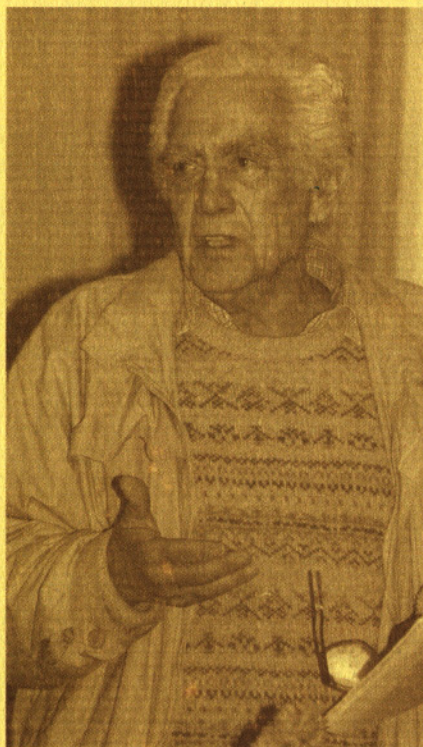
Editorial Caminho

«A criação artística não cabe porém numa representação neutra, igual para todos os artistas, além do mais porque cada artista vê a realidade de forma diferente. Arte é criação e recriação, é imaginação e é sonho. Tendo-se partido do esforço para configurar a realidade na arte à realidade na vida, a criatividade artística determinou que a realidade na arte tenda a não ser uma cópia ou reprodução estática e inimaginativa. Uma realidade na Natureza e na sociedade pode ter uma expressão verdadeira em mil e uma obras diversas, inconfundivelmente diferentes na forma e na mensagem e expressando, com inconfundível clareza, essa mesma realidade.

«(...)

«É uma experiência centenária que o demasiado “acabado” na pintura e escultura, tal como a exaustiva descrição ou explicação na literatura, reduz a força expressiva e a evidência da representação. Já Vasari anotava, por essa razão, a superioridade de Donatello sobre Luca della Robbia na decoração dos órgãos de Santa Maria de Fiore. O mesmo acontece com a preocupação excessiva do pormenor na intenção de aproximar o máximo a obra do modelo. Conta a lenda, gabando um artista grego antigo, que ele pintava com tanta exactidão um homem com um cesto de uvas à cabeça que os pássaros se dirigiam ao quadro para debicá-las. Admitamos que o elogio era merecido. O talento pode ser outro. As maçãs pintadas “tal qual são” numa escola do academismo naturalista são tristes verdades artísticas e tristes verdades da realidade ao lado das maçãs esteticamente mais saborosas pintadas por Cézanne.»





Nota Biográfica

Álvaro Barreirinhas Cunhal nasceu a 10 de Novembro de 1913 na freguesia da Sé Nova em Coimbra, cidade onde viveu os seus primeiros anos, passando o resto da sua infância em Seia e em Lisboa.

Oriundo de família da burguesia liberal republicana, onde se destaca a figura do pai (Avelino Cunhal, advogado, governador civil da Guarda durante a 1ª República, defensor de presos políticos sob o fascismo, foi também pintor, romancista e dramaturgo), encontrou no meio familiar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento cultural e intelectual, bem como um estímulo pela intervenção política.

Aos 17 anos ingressa na Faculdade de Direito de Lisboa e até à interrupção dos seus estudos escolares em 1935, por motivos políticos, manteve a posição de aluno mais destacado do seu curso, o qual viria a concluir em 1940 com a tese *O Aborto: Causas e Soluções*, defendida sob escolta policial por se encontrar, então, preso pela P.V.D.E.

Eleito para a direcção da Associação Académica (1932) e como representante dos estudantes no Senado Universitário (1934), Álvaro Cunhal participa em organizações clandestinas de solidariedade e contra a guerra e o fascismo. Nessa época adere ao P.C.P. e integra a F.J.C.P. (Federação da Juventude Comunista Portuguesa). Estava escolhido o caminho da luta política ao lado dos desfavorecidos que o levaria a passar parte da sua vida, durante o regime fascista, entre a dureza e o sobressalto da clandestinidade, da prisão e do exílio.

Em 1935 é designado secretário-geral da

F.J.C.P. e, nesse mesmo ano, desloca-se a Moscovo para participar no VI Congresso da Internacional Juvenil Comunista. De regresso a Portugal retoma a actividade clandestina e, em 1936, é chamado ao Comité Central do P.C.P. onde se viria a manter por mais de 60 anos. Nesse mesmo ano cumpre uma missão em Espanha e encontra-se em Madrid quando se desencadeia a rebelião nacionalista liderada por Franco. Aí contribui para a organização dos emigrados portugueses na União Antifascista dos Portugueses Residentes em Espanha (UAPRE). Memórias desse tempo trágico da Guerra Civil espanhola constituem a malha ficcional do seu mais recente romance *A Casa de Eulália*.

Em Julho de 1937 sofre a primeira de várias prisões. De 1938 a 1940, o P.C.P. é rudemente golpeado pela P.V.D.E., de que resulta a efemeridade dos seus órgãos dirigentes e fragilidade do aparelho, o que terá também levado ao corte de relações da Internacional Comunista com o P.C.P.

Em 1940 volta a ser preso sendo libertado ainda no final desse ano. Por essa altura, Álvaro Cunhal integra o núcleo de militantes comunistas que irão empreender a reorganização do P.C.P., aos quais se deve, a partir dos anos 40, a manutenção da matriz marxista-leninista do partido, a estruturação colectiva do seu aparelho, a sua implantação como organização de massas, especialmente junto de meios operários e camponeses.

Chamado no Outono de 1942 ao Secretariado do P.C.P., de que fez parte até à sua prisão em 1949, participa na direcção das grandes greves operárias de 1943, 1944 e 1947, onde o P.C.P. desempenhou um importante papel impulsor.

No âmbito de uma estratégia de luta e oposição unitária, em 1943 Álvaro Cunhal participa na organização clandestina do Movimento Unitário Nacional Antifascista - MUNAF, num processo que levará ao empenhamento do P.C.P. em outras organizações - no MUD, MUD-Juvenil e no Movimento Nacional Democrático, sendo momentos relevantes os das candidaturas democráticas de Norton de Matos e Ruy Luís Gomes.

Preso em 1949 é mantido em condições muito precárias e em rigoroso isolamento. Ao apoio e protestos internacionais sobre o seu encarceramento, vêm juntar as suas vozes o escritor Jorge Amado e Pablo Neruda que lhe dedica o poema *Lâmpada Marinha*.

Em 1960 uma espectacular fuga do Forte de Peniche porá fim ao seu cativeiro. Eleito secretário-geral do P.C.P. em 1961, cargo que ocuparia até 1992, procede a uma nova reorganização do Partido. Em 1964 sairá o livro *Rumo à Vitória*, que condensará a estratégia programática do P.C.P. por mais de 25 anos.

Álvaro Cunhal desde cedo se destacou como um dos mais proeminentes ideólo-

gos do P.C.P. Ele é alguém cuja vida política (mais de 60 anos como dirigente e de 31 anos como secretário-geral) se confunde, em grande e significativa parte, com a história da própria existência de luta, clandestinidade, confrontos internos e estruturação do P.C.P. Resultado disso é a vasta obra política e teórica que vai produzindo ao longo dos anos.

Durante os anos 30 terá começado a sua duradoura produção de escritos políticos e teóricos iniciando, nessa altura, um processo que o levaria a uma incontestável proeminência intelectual e ideológica na organização comunista. Na década seguinte contribui também para a edição do *Avante!*, órgão de comunicação e informação do C.C. do P.C.P. Em 1943, produz o informe ao III Congresso, o primeiro de vários relatórios que lhe caberia apresentar nas sucessivas cimeiras do Partido (à excepção do V Congresso, por se encontrar na prisão).

Álvaro Cunhal, desde a sua partida para o exílio em 1961, só pode regressar a Portugal poucos dias depois do 25 de Abril. Integrou os quatro primeiros governos provisórios que sucederam à ditadura, sendo eleito deputado à Assembleia Constituinte, Assembleia da República e, de 1982 a 1992, foi membro do Conselho de Estado.

Após o 25 de Abril é reconhecido como alguém cuja inteligência, coerência e coragem são admiradas, quer por correle-

gionários quer por adversários. E passados os tempos de clandestinidade surgem novas facetas deste homem emblemático: a de criador e de esteta. Personagem de recorte clássico, que nos lembra uma daquelas figuras integrais do Renascimento, desvenda-se como uma pessoa alegre, com um tremendo apetite pela vida, sendo igualmente senhor de uma disciplina e capacidade de enfrentar e retirar partido das situações mais adversas.

O romancista, revelado a seguir ao 25 de Abril, vai buscar à sua experiência de clandestinidade, de prisão, à sua memória da Guerra Civil de Espanha, a matéria para a sua obra de ficção que assina sobre o pseudónimo literário de Manuel Tiago.

A faceta de desenhador de Álvaro Cunhal é pública e parte dos seus trabalhos estão reunidos e editados em dois volumes, os *Desenhos da Prisão*. Dela tinha-se já conhecimento anterior pelo seu tocante trabalho de ilustração do livro *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, um romance feito em intenção dos muitos filhos dos homens que nunca foram meninos.

Parece evidente que o signo escolhido por Álvaro Cunhal para reger a sua vida, o da luta política arriscada e pertinaz, condicionou a sua disponibilidade para a criação artística e para o ensaio sobre arte, que tanto o parece tocar.

O percurso de uma existência empenhada,

aventurosa, secreta e de intensa dimensão política, como foi a deste inimigo público nº 1 de Salazar, terá exigido tenacidade e maleabilidade que deverão ter contribuído para a relativização inerente à sua visão da vida e da arte, o que se destaca no ensaio que sobre ela escreveu. A criação artística é aí entendida como acto de plena liberdade estética e intrínseca da dimensão humana. Associada ao destino do homem, permitindo uma compreensão do seu porvir e devir, reflecte muitas vezes as condições de vida material e o enorme cultural de uma comunidade social. Por isso, qualquer expressão estética inovadora é validada e exaltada. A arte, expressiva ou ficcional, sendo apropriável e autónoma, é considerada como um valor em si, e a diversidade criativa é entendida como uma das percepções possíveis, por vezes transfiguradoras, da representação da realidade.

Uma dimensão importante da obra de arte é o de ser um elo de vinculação entre os homens ao provocar um desafio intelectual, gerar emoção e deslumbramento a quem a contempla. Ao ler-se o ensaio que Álvaro Cunhal escreveu sobre artes plásticas, arquitectura e literatura podemos imaginar o papel que a arte deverá ter desempenhado na sua vida, os encontros que com ela terá marcado nos anos difíceis, em prolongadas ou fugazes visitas anónimas, talvez solitárias, a museus ou, se calhar, tomando o primeiro contacto com algumas destas representações sublimes e maiores do génio criativo humano,

folheando simplesmente livros onde as podia descobrir. Só ele poderá dizer do estímulo, do apaziguamento, da satisfação que nesses momentos elas lhe trouxeram. É decerto os livros, os grandes romances, os poemas, as suas músicas favoritas terão tido idêntica função.

Tendo-se cruzado com grandes acontecimentos do século, a Guerra Civil de Espanha, a II Guerra Mundial e o pós-guerra, a resistência à ditadura, a construção e ocaso dos países socialistas, muitas vezes se pergunta porque não escreve Álvaro Cunhal as suas memórias, sendo incontornável que ele é alguém que vai ficar na história portuguesa contemporânea. É sobejamente conhecido como é cioso da preservação da sua intimidade e o papel que a esta atribui na vida de um político. Mas talvez com igual força lhe repugne a ideia da fixação definitiva da sua vida, ainda que escrita por si ou, como outros preferem, de forma entreposta e acompanhada. Talvez visceralmente lhe desagrade o *demasiado acabado, que tal como numa pintura e escultura (...) reduz a força expressiva e a evidência da representação*. E uma vida como a sua é difícil de circunscrever.

Sendo tão mediático, ainda que a contragosto, pois é um exemplo de descrição exasperante para os fazedores de notícias, devemos estar-lhe gratos pois, por via disso, com os seus romances, as suas reflexões, ele traz à ribalta a inconformidade, a beleza, a ficção e com elas desafia-

-nos a deixarmo-nos emocionar nestes tempos de «democracia melancólica» como a eles se refere um conhecido escritor.

Agora que o seu voluntário afastamento do protagonismo político nos devolve cada vez mais o autor, Álvaro Cunhal dispõe do tempo que antes lhe faltou para, finalmente, desenvolver as suas facetas de criador, ensaísta e comunicador. Lembrando-nos da sua personagem Lambaça ocorrem-nos dizer «diga o que entender...» estamos cá para o ouvir. E hoje ele vai falar-nos de «Ficção, Realidade e Experiência». E ele é alguém que seguramente sabe do que fala e certamente o fará como, e não resistimos a citá-lo, o «Padre António Vieira, mestre da escrita e da língua portuguesa, [que] sublinhava as virtudes da clareza: *o estilo, dizia, pode ser muito claro e muito alto: tão claro que o entendem os que não sabem e tão alto que tenham muito de entender nele os que sabem*».

